



## ENTRE IMAGINÁRIOS E REALIDADES: MOBILIDADE SOCIOESPACIAL NA VIDA DO PROFISSIONAL DA GEOGRAFIA NO BRASIL

Rejane Rodrigues <sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo analisamos os resultados obtidos a partir da aplicação de um questionário *on-line* distribuído a egressos de cursos de Geografia no Brasil, objetivando avaliar a pertinência de algumas visões sobre a profissão do geógrafo. Um total de 726 questionários foram recebidos, possibilitando a verificação de informações variadas sobre a trajetória do geógrafo no Brasil, licenciatura e bacharel. A análise apresentada neste trabalho se detém nas informações mais gerais sobre o perfil do egresso da Geografia brasileira e, principalmente, na relação entre a profissionalização em Geografia e a mobilidade socioespacial (CUNHA, 2012) daqueles que atuam nesta área. Os primeiros resultados, indicativos de uma mobilidade social ascendente (ANTIGO, 2010), parecem se contrapor a alguns imaginários sociais - capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir práticas (KALIFA, 2019) - que apontam na direção da desvalorização do profissional da Geografia: baixos salários pagos e limitada oferta de trabalho.

**Palavras-chave:** Profissional da Geografia, Imaginário Social, Mobilidade Socioespacial, Mobilidade Social Ascendente.

### ABSTRACT

In this paper we analyze the results obtained from the application of an online questionnaire distributed to graduates in Geography courses in Brazil, aiming to evaluate the pertinence of some views on the geographer's profession. A total of 726 questionnaires were received, allowing the verification of varied information about the geographer's trajectory in Brazil, bachelor's degree and licenciate degree. The analysis presented in this paper focuses on the most general information about the profile of the ex-students of Brazilian Geography and, mainly, in the relationship between professionalization in Geography and socio-spatial mobility (CUNHA, 2012) of those who work in this area. The first results, indicative of an upward social mobility (ANTIGO, 2010), seem to be operable against some social imaginaries - capable of determining transformations in social relations and of constituting practices (KALIFA, 2019) - which point in the direction of the devaluation of the geography professional: low paid salaries and limited supply of work.

**Keywords:** Geographies Professional, Social Imaginary, Socio-Spatial Mobility, Ascending Social Mobility.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio, rcarodrigues@puc-rio.br



## INTRODUÇÃO

No Brasil, a formação de professores para a escola básica se apresenta como um grande desafio. O país tem vivido uma situação singular no campo da profissão docente experimentando, nas últimas décadas, uma grande redução no número de pessoas que se matriculam em cursos superiores voltados à formação de professores – redução de 16% entre 2010 e 2012 no número de formandos nas licenciaturas (MEC, 2013). E há ainda aqueles graduandos que não concluem o curso superior (50% dos estudantes de cursos de Geografia) ou que após formados não atuam no magistério da escola básica.

Para além da redução na oferta de professores, observa-se o aumento no número de graduandos oriundos dos segmentos de menor renda com efeitos sobre a mudança no perfil social do professor (no caso do Brasil, pode-se também dizer cultural, já que há enorme defasagem na formação do jovem estudante da escola pública, em sua maioria de família de baixa renda).

Três fatores têm sido, de modo geral, relacionados ao cenário de mudanças identificado nos cursos de graduação em Geografia: a desvalorização da profissão docente; os baixos salários pagos ao professor (INEP, 2017); e as condições de precarização do trabalho do professor da escola básica - no Brasil é comum um professor trabalhar em várias escolas, condição não apenas assegurada, mas até estimulada pela legislação que regula o setor. No âmbito específico da formação de professores de Geografia, outro fator é apresentado: a limitada possibilidade de inserção no mercado de trabalho fora do magistério.

Algumas percepções iniciais se colocaram como ponto de partida para a organização da pesquisa:

- a sociedade em geral desconhece as especificidades da profissão e, principalmente, as habilidades de um geógrafo;
- os estudantes de Geografia têm limitado acesso a informações sobre as possibilidades da profissão de geógrafo: natureza da formação; condições para inserção no mercado de trabalho; campos de atuação etc;
- há marcado preconceito e desvalorização do profissional da Geografia ocupado no magistério básico.

Apesar da importância destas considerações, defendemos a ideia de que estes fatores compõem um imaginário - capaz de determinar transformações nas relações sociais



e de constituir práticas -, construído, ao longo do tempo, sobre a profissão do geógrafo e, em particular, do professor de Geografia da escola básica.

Partindo desta ideia, com o objetivo de avaliar as condições efetivas da profissão de geógrafo no Brasil, em particular do professor de Geografia, objetivamos analisar a trajetória recente do profissional da Geografia e reconsiderar do seu lugar no imaginário social, com vistas a sua valorização pela sociedade em geral. Noutras palavras, desejamos buscar informações mais efetivas sobre o profissional da Geografia, com um olhar mais atento aquele que opta pela licenciatura, de modo a reposicionar o discurso sobre a valorização da profissão no país.

## **METODOLOGIA**

Como recurso metodológico, utilizamos um questionário contendo perguntas fechadas e semiabertas aplicados a profissionais graduados em Geografia, seja como bacharel ou como licenciado. Cabe informar que precedeu ao questionário objeto de análise deste artigo, outro questionário aplicado apenas a pessoas que cursaram geografia (licenciatura e/ou bacharel) na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. Este, além de nos servir a uma análise mais específica sobre a formação do geógrafo na PUC-Rio, foi utilizado com fins a avaliação e reestruturação de um questionário mais abrangente que nos permitisse lançar um olhar atento sobre a trajetória do profissional da Geografia no Brasil.

Tendo em vista o recorte espacial escolhido, o conjunto do território brasileiro, utilizamos o recurso do questionário on-line distribuído via redes sociais, e-mail institucionais e divulgação em eventos acadêmicos. A plataforma utilizada foi a *Survey Monkey* na qual pudemos organizar as perguntas em formatos variados e, ainda, aplicar alguns testes não computados como respostas definitivas. Este segundo teste foi aplicado a colegas da Geografia que se dispuseram a nos dar um retorno sobre problemas, dificuldades e desvios de finalidade. A versão final do questionário ficou disponível para qualquer pessoa com acesso ao link entre 11 outubro de 2018 e 15 de março de 2021. Na mensagem de divulgação, retomada a cada 3 meses aproximadamente, e na mensagem introdutória ao questionário eram convidadas todas as pessoas que cursaram geografia (licenciatura e/ou bacharel) em Instituições de Ensino Superior no Brasil, tendo ou não completado o curso.



Foram organizadas 50 perguntas, com um tempo médio para resposta estimado em 18 minutos. Estas perguntas podem ser agrupadas segundo doze assuntos específicos, a saber: perfil do respondente; mobilidade espacial; renda familiar; familiaridade e interesse pela Geografia; desafios e limites para a profissionalização na Geografia; opção pela Geografia; especificidades do curso na IES; particularidades da formação; aspectos distintivos do curso de licenciatura e de bacharel; características da formação na licenciatura; questões relacionadas a atuação profissional; questões específicas sobre a inserção no magistério básico.

Na data do seu encerramento, registramos 726 questionários respondidos. As respostas obtidas estão em fase de análise sendo objeto de atenção. As informações gerais sobre as questões aplicadas foram organizadas em tabelas e gráficos os quais nos possibilitaram uma primeira inserção no universo pesquisado. A partir desta primeira visão dos resultados, selecionamos três dos assuntos mencionados anteriormente: perfil do respondente; mobilidade espacial; renda familiar. No âmbito deste trabalho, nos dedicamos s questões referentes à mobilidade socioespacial do profissional da Geografia. A análise das respostas atribuídas às questões ligadas a estes assuntos ainda será aprofundada, pois, para os fins deste artigo não consideramos as respostas dadas às questões abertas. Encontramos nossa atenção, preliminarmente, nas questões objetivas.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

No âmbito deste artigo, concentraremos nossa atenção em conceitos e noções que ancoram o debate proposto: imaginário, mobilidade socioespacial, mobilidade social ascendente.

Dê início chamamos a atenção para o fato de que, embora a literatura sobre a mobilidade espacial a relacione aos movimentos intra-urbanos de caráter pendular relacionados às imposições do mundo do trabalho (Becker, 2006), neste artigo utilizaremos este termo para nos referirmos a uma mudança com temporalidade mais alargada e, essencialmente vinculada à noção de mobilidade social. Apoiamo-nos no proposto por Cunha (2012) quanto à possibilidade de se pensar a mobilidade espacial, referente ao mover-se no espaço, numa perspectiva que a distingue das migrações. Ou seja, como fenômeno demográfico e processo social. Desta primeira consideração decorre



nossa opção pelo termo mobilidade socioespacial, vinculado a um tipo particular de capital de rede, um capital social, definido como

"um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento; ou, em outras palavras, à adesão a um grupo, como um grupo de agentes que não apenas são dotados de propriedades comuns (susceptíveis de serem percebidas pelo observador, por outros ou por si mesmos), mas também são unidas por laços permanentes e úteis (Bourdieu, 1988, p.67)

A mobilidade social é diferente da mobilidade espacial - deslocamentos geográficos das pessoas -, mesmo que as duas estejam amplamente relacionadas Jannuzzi (2000). A mobilidade social é conceituada como o movimento na escala social, seja este ascendente ou descendente, sendo os níveis de educação, a informação e a profissão, considerados como características que ajudam a determinar o status social de cada indivíduo (Antigo, 2010). Segundo o autor, a educação gera impacto positivo na mobilidade ascendente, se mostrando como a alternativa de longo prazo para reverter as barreiras sociais - um ano adicional de escolaridade, considerando-se constantes as demais variáveis, eleva a probabilidade de mobilidade social ascendente. O investimento em educação é transformado em capital humano, pois ao tornar o trabalhador mais qualificado, sua renda melhora e aumentam suas chances de mobilidade social.

Cabe ainda um olhar atento ao conceito de imaginário, aqui considerado como uma informação presente em objetos concretos (livros, filmes etc). Não se trata de algo impensado, mas como um marco que institui referências e normas do mundo social, operando como matriz das representações sociais. E, portanto, dinâmico, móvel com relação a contextos que se modificam (KALIFA, 2019).

"por 'imaginário social' entenderei aqui o conjunto instável de representações sociais por cuja mediação os indivíduos que compõem uma sociedade representam o que são e o que devem ser os outros ao seu redor, as instituições que os governam, o mundo social em que vivem, seu passado, seu presente, seu futuro e, finalmente, , o universo cósmico global no qual estão inscritos. Nada mais escapa a esse imaginário, cujos modos de apropriação social permanecem sendo, no



entanto, incertos. (Alex Gagnon, 2017, apud KALIFA, 2019, p.7-8, traduzido)

Assim, considerado o imaginário social na perspectiva das representações que se inscrevem no cotidiano social, entendemos que estes acabam por se consolidar como um desenho reconhecido e aceito de mundo se impondo, muitas vezes, como verdadeiro. Este, na nossa acepção, pode ser o caso do imaginário social sobre a profissão de geógrafo e de professor de Geografia no Brasil. Um imaginário presente nos discursos dos jovens em formação, de profissionais de outras áreas e até mesmo dos profissionais da Geografia. Nos relatos de estagiários da licenciatura em Geografia é comum identificarmos falas de professores das escolas parceiras que os estimulam a mudar de profissão enquanto são jovens. Outra situação bastante comum, registrada a partir de uma pesquisa com estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas das redes públicas e privadas do Rio de Janeiro (RODRIGUES, 2019), diz respeito ao interesse e reconhecimento da importância da Geografia Escolar, mas não pela profissionalização, a qual aliás os estudantes entrevistados não souberam associar a postos de trabalho existentes e passíveis de serem ocupados por geógrafos. Não desejamos nos estender neste levantamento, mas certamente existe uma série de outras situações que são representativas da forte presença deste imaginário social.

Focaremos naquela que anuncia, com relação ao imaginário social construído e consolidado sobre a profissionalização na Geografia, a limitada oferta de postos de trabalho caracterizados pelos baixos salários pagos aos profissionais da Geografia comparativamente a outros profissionais. Não resta dúvida que é necessário atentar para as especificidades da formação e da atuação de geógrafos e de professores de Geografia, mas para os fins propostos neste trabalho em específico limitaremos a distinção entre um e outro a alguns aspectos que se revelem como significativos. Considerada a representação que acompanha este imaginário em específico, deve-se supor que o profissional da Geografia não tem maiores oportunidades de mobilidade social ascendente e que, dependendo de sua origem social, pode até mesmo vivenciar uma mobilidade social descendente, com impactos sobre o status social deste profissional e, principalmente, efeitos negativos com relação à valorização da profissão pela sociedade em geral.



Buscando, como indicado em nosso objetivo, verificar a validade deste imaginário social com relação ao profissional da Geografia, analisamos as respostas dadas a um grupo de perguntas as quais detalharemos no próximo item.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como enunciado anteriormente, para os objetivos específicos deste artigo, selecionamos questões que nos ajudam a identificar os respondentes e aquelas que se referiam a um dos imaginários sobre a profissão do geógrafo/professor de Geografia: os baixos salários pagos ao profissional da Geografia e, como efeito, a desvalorização da profissão no seio social. Para tal, consideramos as informações sobre local de residência e renda, comparando-se aquelas referentes ao período do curso e com as que remetem ao atual, ou melhor, ao momento da resposta ao questionário, como pistas para observarmos se houve ou não mobilidade socioespacial entre os respondentes.

Para nos situarmos com relação ao grupo que acessou o questionário, iniciamos por reunir as respostas que nos ajudam a conhecer os profissionais que acesaram e responderam o questionário. No que se refere à identificação dos respondentes, observamos grande concentração de respondentes nas faixas etárias entre 20 e 39 anos de idade (figura 1). Acreditamos que tal concentração possa ser explicada, de um lado, pelo uso de mídias mais populares entre os segmentos mais jovens (os respondentes com mais idade podem simplesmente não ter tido notícias da existência do questionário) e, também, pela inserção profissional ativa nas IES que recebiam a divulgação do questionário (os profissionais aposentados ao se distanciar do universo das instituições mobilizadas para a pesquisa, não tendo acesso ao questionário). Tal suposição parece se confirmar quando se analisam alguns dados apresentados a seguir.

Dentre os respondentes, 62,9% atuavam no momento da aplicação do questionário como profissionais da Geografia desde a formatura, além de 6,8% que permaneceram algum tempo noutra atividade profissional antes de ingressar na Geografia e 6,5% que atuaram na Geografia, mas não atuam mais. Sendo que entre estes dois últimos grupos, a maioria, 52,2%, declarou ser a limitada oferta de trabalho o motivo para a não permanência. E, ainda, que tal condição, é temporária, 64,1%.

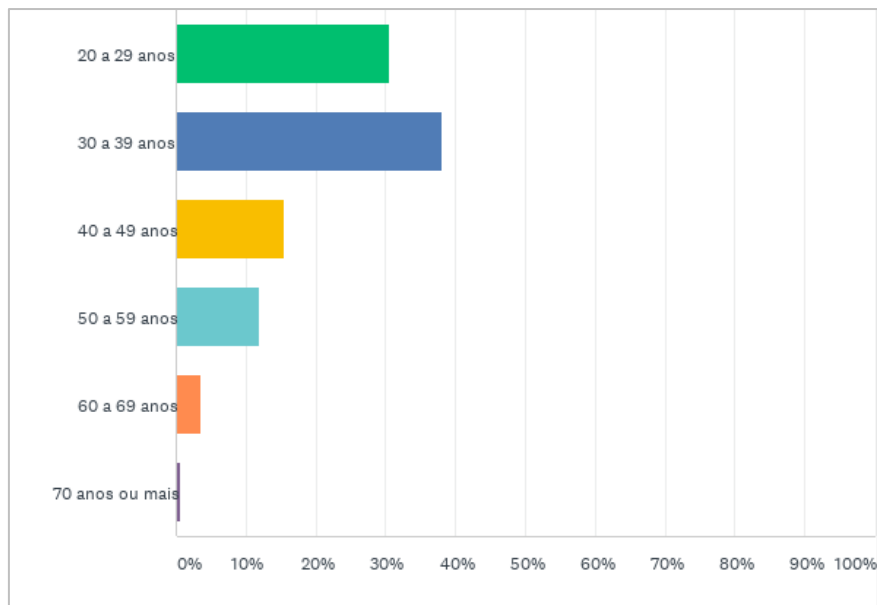


Figura 1. “Em qual faixa de idade você se encontra atualmente?”, distribuição percentual.  
Fonte: Elaboração própria.

Com relação às respostas sobre o local de residência, durante e depois do curso, utilizamos a nuvem de respostas disponibilizada pelo aplicativo *Survey Monkey* (figuras 2 e 3). Nossa intenção é de em momento futuro, separar bairros, municípios, estados para uma melhor visualização distribuição espacial dos respondentes. Apesar das limitações da nuvem disponibilizada pelo aplicativo, é interessante notar a concentração dos locais de residência em municípios e estados do Centro Sul do país. Tal fato pode estar relacionado a maior facilidade de divulgação do questionário entre pessoas do círculo próximo de profissionais da Geografia e, principalmente à concentração dos cursos de Geografia nestes municípios/estados, aspecto que em si deve ser analisado consideradas as demandas por profissionais da Geografia no conjunto do território brasileiro. As respostas completas – bairro, município, estado, país - à pergunta sobre o local de residência atual e durante a graduação serão objeto de análise futura para fins de se observar se é possível falar em mobilidade espacial a qual possa ser relacionada às informações sobre mobilidade social.





P3 Local (bairro/ município/ estado/ país) de residência quando aluno da graduação em Geografia?

Leblon São Domingos Niterói Cidade Fortaleza Ceará Brasil Recife Pernambuco Brasil  
Campanas SP Brasil Ponta Grossa PR O neama Paulo SP Brasil de Merit  
Presidente Prudente SP Engenheiro Melier Pinheiros Ponta Grossa Paraná Lageo  
São Paulo SP Nova Maria Rio Grande Curitiba Paraná Brasil  
Prudente São Paulo da Penha Rio Copacabana Rio de Janeiro Rio de Janeiro  
Paulo São Paulo Zona Maringá PR Tijuca Rio de Janeiro Rio de Janeiro  
Campos Goytacazes Rio Claro SP Brasil Campo Grande  
Campanas São Paulo Camobi Santa Maria Maranhão Amazonas  
Campos Goytacazes RJ Paraná Brasil Tijuca São Gonçalo  
Grande Sul Brasil São João Porto Alegre Brasil  
RJ Brasil Penha Rio de Janeiro Centro Maringá PR Brasil  
Janeiro RJ Brasil São Gonçalo RJ Brasil  
Taquara Rio de Janeiro Uvaranas Ponta Grossa  
de Janeiro RJ Curitiba PR Brasil  
de Janeiro Brasil Londrina Paraná Brasil  
São Paulo Brasil Santana Rio Grande Sul  
Belo Horizonte Jardim Bela Vista Vila Florianópolis SC Rio Grande  
Santa Inês Bahia Porto Alegre Gonçalves RJ Brasil BR Juiz de Fora  
Rio Claro SP Salvador Bahia Brasil Goytacazes Rio de Janeiro  
Centro Campos Goytacazes São Paulo São Paulo Vila da Penha Parique  
Botafogo Rio de Janeiro Presidente Prudente São Paulo de Janeiro RJ Natal RN Brasil  
Niterói Rio de Janeiro Niterói RJ Brasil Ponta Grossa Paraná Brasil  
SP Brasil Duque de Caxias Nova Santa Maria Rio de Janeiro Laranjeiras Rio de Janeiro  
Goiana Goiás Brasil Minas Gerais Brasil Santa Maria BR Goytacazes RJ Brasil  
de Foz de Iguaçu Erechim Bardo Geraldo Campinas

Figura 2. Local de residência durante a graduação.  
Fonte: Survey Monkey

P2 Local (bairro/ município/ estado/ país) de residência atual?

Cândido Rondon Paraná Zona Maringá PR Guanabara Rio de Vitória da Conquista  
Duque de Caxias Campinas SP Brasil da Penha Rio Juazeiro Novo CE Natal RN Brasil  
Fortaleza Ceará Brasil Santa Maria Rio Manaus Amazonas Ponta Grossa PR Campo Bom  
Goytacazes Rio de Vila Maria Niterói RJ Brasil Brasília DF Maria Rio Grande  
Minas Gerais Taquara Rio de Curitiba PR Tijuca Icarai Niterói  
Campos Goytacazes RJ Pelotas Tijuca Rio de Nova Bairro Glória  
Grossa Paraná Brasil Humaitá Rio de Prudente São Paulo  
Barra da Tijuca SP Brasil de Caxias RJ São Paulo SP João Pessoa Paraíba  
Vila Goytacazes RJ Brasil RJ Brasil Flamengo Rio de  
São Paulo Brasil Santa Catarina Centro Nova Iguaçu  
Janeiro RJ Brasil Laranjeiras Rio de Brasil  
Vista Roraima Brasil Rio de Janeiro Botafogo  
de Janeiro RJ Chapecó SC  
de Janeiro Brasil Botafogo Rio de  
Rio Grande Sul Vila da Penha Jardim Jacarepaguá Rio de  
Grande Sul Brasil Pessoa Paraíba Brasil Porto Alegre Brasil  
Recife Pernambuco Brasil Paulo SP Brasil Porto Alegre BR  
Laranjeiras Campo Grande Paraná Rio Grande  
Curitiba Paraná Brasil Paraná Brasil Porto Alegre ES Brasil Copacabana Rio de  
Serrinha Bahia Vila Isabel Rio Foz Iguaçu Campos Goytacazes Rio Recreio Bandeirantes  
Uvaranas Ponta Grossa Vila Valquere RJ Camobi Santa Maria Estácio Rio de  
Bahia Brasil São José Campos Isabel Rio de Juiz de Fora Penha Rio de João Pessoa PB  
Jardim Guanabara Rio São Gonçalo RJ Marechal Cândido Rondon Boa Vista Roraima

Figura 3. Local de residência no momento da resposta ao questionário.  
Fonte: Survey Monkey

Com relação à renda familiar auferida durante a graduação e no momento da resposta ao questionário, as respostas reunidas nas figuras 4 e 5 são indicativas de uma mobilidade social ascendente o que nos permitiria reconsiderar a percepção social quanto aos baixos salários pagos ao profissional da Geografia. Há no gráfico representativo da renda durante a graduação, maior concentração de respostas nas faixas de renda de até 3 salários-mínimos, mais de 50% dos respondentes. Enquanto no gráfico que registra a renda familiar informada para o período recente, destacam-se as faixas de renda entre 5 e 20 salários-mínimos.

Cabe destacar que, de acordo com o declarado, 70% dos entrevistados pertenciam às classes D e E (classificação por classe e renda do IBGE) durante a graduação em Geografia. Ainda assim, as respostas à pergunta sobre os aspectos que preocupavam o respondente quando optou pelo curso de Geografia, concentraram sua atenção no fator “baixos salários”, além das opções “não ser valorizado profissionalmente” e “ter dificuldades para conseguir trabalho como geógrafo”.

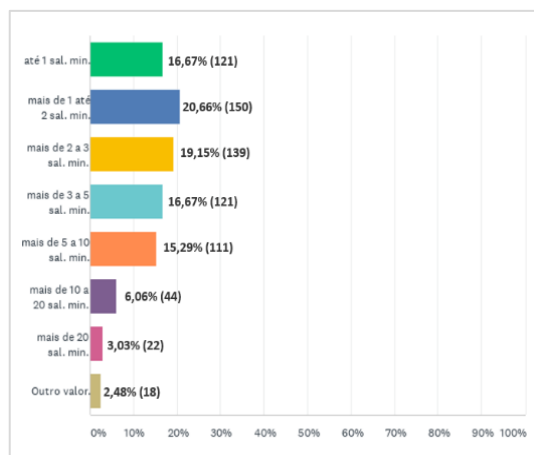


Figura 4. Faixa de renda familiar durante o a graduação.  
Elaboração própria

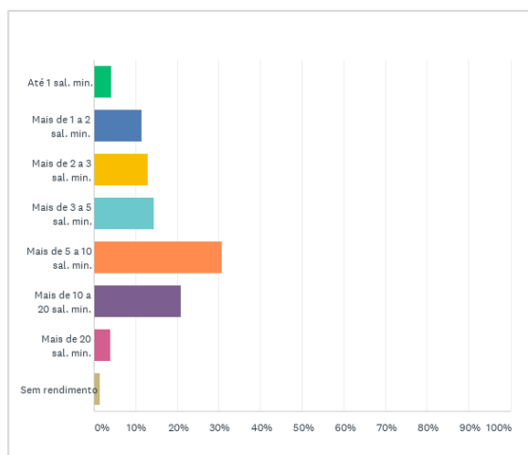


Figura 5. Faixa de renda familiar no momento da resposta ao questionário.  
Elaboração própria

Ainda, deve-se observar que tais resultados se somam aquele observado a partir da análise dos dados sobre o exercício de atividade laboral durante a graduação – 18,1% como professor de Geografia e 47,5% noutras atividades. Esta informação corrobora com o perfil socioeconômico do estudante de Geografia, pois é indicativa da necessidade que tinham de auferir renda durante a graduação. Os motivos que os levaram a trabalhar durante a graduação serão objeto de análise futura, podendo afetar a nossa percepção atual.

Para encerrar esta breve análise, nos interessa chamar a atenção para a necessidade de, em nossa análise, considerarmos a origem social dos respondentes, informação que pode nos levar a uma série de considerações adicionais sobre o perfil do profissional da Geografia e nos ajudar na compreensão de sua trajetória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa temos empreendido esforços no sentido de analisar os imaginários sobre a profissão de geógrafo e de professor de Geografia no Brasil. Com uma abrangência bastante significativa, em termos numéricos e espaciais, o questionário aplicado nos revelou, numa primeira análise, alguns importantes aspectos sobre o



profissional da Geografia, com ênfase na mobilidade socioespacial e na mobilidade social ascendente de pessoas deste grupo. Os dados analisados são indicativos de que há

Há, ainda, um volume grande de informações a serem analisadas a partir das respostas obtidas, as quais esperamos possam nos levar a repensar o imaginário sobre a origem, a formação, a trajetória de trabalho do profissional da Geografia. Nossa expectativa é a de que estas informações possam nos ajudar na direção da atualização sobre esta profissão e, principalmente, para a valorização do trabalho do geógrafo e do professor de Geografia na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ANTIGO, Mariangela Furlan. **Mobilidade de Rendimentos no Brasil: Uma análise a partir de dados Cross Section e Longitudinais**. 2010. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BECKER, O. M. S. Mobilidade Espacial da População: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, I. E. et all. (orgs.) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. P. 319-367.

BOURDIEU, P. O Capital Social – notas provisórias. In: CATANI, A. e NOGUEIRA, M. A. (orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1988.

Brasil/MEC. **Censo do Ensino Superior de 2013**. Brasília, Ministério da Educação. 2013. Disponível em [Acesso em](#)

Brasil/INEP. **Seminário 10 Anos de Metodologia de Coleta de Dados Individualizada dos Censos Educacionais**. Brasília. junho de 2017. Disponível em [Acesso em](#)

CUNHA, J. M. P. (org.) **Mobilidade Espacial Da População: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo**. Campinas: NEPO/UNICAM, 2011.



JANUZZI, Paulo de Martino. **Mobilidade Social no Contexto de Adversidades Crescentes do Mercado de Trabalho Brasileiro dos Anos 1990**. Campinas: Economia e Sociedade, v.11, n. 2 (19), p. 255-278, jul/dez.2002.

KALIFA, Dominique. **Escribir una historia del imaginario** (siglos XIX-XX). Secuencia (105), septiembre-diciembre, 2019. P.1-17.

RODRIGUES, Rejane C. A. **O Poder do Conhecimento Geográfico: para superar o paradoxo da ciência**. Anais do XIV Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, ENPEG. Campinas, 2019.